



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Toda Fruta

Data: 13/02/2013

Caderno: - / -

Link: <http://www.todafruta.com.br/portal/icNoticiaAberta.asp?idNoticia=27949>

Assunto: Prevenção do cancro cítrico evita prejuízo nos laranjais, indica estudo

Prevenção do cancro cítrico evita prejuízo nos laranjais, indica estudo



O fim da exigência de erradicação de todas as plantas em áreas de laranjais com ocorrência de cancro cítrico superior a 0,5% no Estado de São Paulo, em 2009, contribuiu para a expansão da doença, alerta estudo da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da USP, em Piracicaba. A pesquisa, que demonstra as vantagens das medidas de prevenção, aponta que a incidência do cancro cítrico aumentou 893% em São Paulo. De acordo com a análise do economista André Sanches, o controle evita a perda do investimento nos pomares e permite um aumento significativo da produção ao longo dos anos.

A obrigatoriedade da erradicação total nas áreas contaminadas deixou de vigorar em 2009, após resolução da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. A questão do horizonte de tempo avaliado mostrou-se fundamental no processo de tomada de decisão em investir na prevenção e controle da doença, ou assumir um cenário de manejo, pois a relação benefício-custo de manter o controle do cancro apresentou diferença expressiva com relação ao cenário doença em expansão, quando avaliado no médio e longo prazos.

– As relações benefício-custo para as situações de prevenção e controle são significativamente superiores, comparadas às do cenário do cancro em plena expansão (sem controle) quando se consideram mais anos de vida para o pomar, de modo que os ganhos da política de defesa fitossanitária são mais claros em uma análise de médio e longo prazos – destaca Sanches.

No acumulado de cinco anos, a prevenção ao cancro cítrico evita perdas no valor de R\$ 1,61 para cada R\$ 1,00 investido. Em 20 anos, essa relação benefício-custo passa para R\$ 12,82. Já no cenário em que 90% dos talhões contaminados não são erradicados, a relação é de menos R\$ 0,23 em perdas evitadas para cada R\$ 1,00 investido no manejo, no acumulado de 5 anos, e de R\$ 0,35, em 20 anos. Os resultados indicam, ainda, que a diferença entre a produção na situação em que o pomar investe na prevenção ao cancro e a situação em que a doença se expande sem controle aumenta significativamente ao longo do tempo. Essa diferença, no acumulado de cinco, 10, 15 e 20 anos, é de cerca de 17,8; 113,3; 322,8 e 611,7 milhões de caixas, respectivamente, em favor do cenário de prevenção.

– Estes resultados [em termos de redução na produção] não consideram o fato do cancro causar prejuízos ainda mais drásticos quando parte das frutas produzidas é destinada ao mercado de mesa e não apenas ao industrial. Ressalta-se que o cancro cítrico compromete a comercialização da fruta, pois além de impedir o transporte, afeta significativamente sua qualidade – lembra o economista.

Prevenção

O estudo contribui para a definição da estratégia adotada pela iniciativa privada quanto à prevenção e controle da doença já que os impactos econômicos, embora medida durante a análise apenas no segmento de produção agrícola, tendem a se disseminar ao longo da cadeia produtiva, atingindo a indústria processadora, a de insumos e consumidores domésticos e internacionais.

– Os resultados corroboram as vantagens econômicas de manter o cancro cítrico sob controle no Estado de São Paulo. No médio e longo prazos, a escolha do setor como um todo, de investir no controle e,

principalmente, na prevenção à doença é financeiramente melhor comparada à opção de apenas um percentual do parque citrícola fazer o controle, e mesmo melhor do que a opção pelo convívio com a doença, como ocorre no Paraná – aponta o pesquisador.